

ENTENDIMENTOS GEOGRÁFICOS DA RELIGIÃO E PEREGRINAÇÕES: EM ANÁLISE A ROMARIA DO SENHOR DO BONFIM EM NATIVIDADE (TO)

GEOGRAPHICAL UNDERSTANDINGS OF PILGRIMAGE: IMAGINARY
REPRESENTATIONS ABOUT THE PILGRIMAGE OF THE LORD
OF BONFIM IN NATIVIDADE (TO)

ENTENDIMIENTOS GEOGRÁFICOS DE LAS PEREGRINACIONES:
REPRESENTACIONES IMAGINARIAS SOBRE LA ROMERÍA DEL SEÑOR DE
BONFIM EN NATIVIDADE (TO)

José Arilson Xavier de Souza - Universidade Estadual Vale do Acaraú - Sobral - Ceará - Brasil
arilsonxavier@yahoo.com.br

Resumo

Como ser geográfico e religioso, o homem é também uma criatura peregrina. Mesmo considerando tempo e espaço, o homem sempre teve em busca de lugares sagrados. Assim, este artigo analisa a relação entre geografia e peregrinação, a partir de uma abordagem teórica e empírica. No estudo de caso são apresentadas algumas considerações sobre a Romaria do Senhor do Bonfim, que ocorre no município de Natividade (TO).
Palavras-chave: geografia, peregrinação, imaginação.

Abstract

As a geographical and religious being, man is also a pilgrim creature. Even considering the time and space, man has always been in search of sacred places. Thus, this article focuses on the relationship between geography and pilgrimage from a theoretical and empirical approach. It presents in the case study some considerations on the pilgrimage of Senhor do Bonfim that takes place in the municipality of the Natividade (TO).
Keywords: geography, pilgrimage, imagination.

Resumen

Como un ser geográfico y religioso, el hombre es también una criatura peregrina. A pesar de considerar tiempo y espacio, el hombre siempre estuvo en búsqueda de lugares sagrados. Así, el trabajo analiza la relación entre geografía y peregrinación, a partir de un abordaje teórica y empírica. Presento, en el estudio de caso, algunas consideraciones sobre la Romería del Señor de Bonfim, que ocurre en el municipio de Natividade, en Tocantins.
Palabras clave: geografía, peregrinación, imaginación.

Introdução

Com os recentes entendimentos conceituais sobre cultura, têm crescido, no âmbito da Geografia, estudos que dão ênfase aos desdobramentos espaciais desencadeados por diversas ações religiosas. Com efeito, mesmo

não sendo esta uma discussão que se inicia na contemporaneidade, é um campo de atuação ainda pouco conhecido no domínio da ciência geográfica, sobretudo quando consideramos as vivências imaginárias e simbólicas das pessoas como dimensões culturais de análise. Nesse entremeio, mais escassos ainda se tornam os estudos que compreendem as peregrinações como objetos de investigação geográfica.

Seguramente, ao longo dos anos, a pouca compreensão teórica e metodológica da peregrinação como prática geográfica pode explicar a quantidade de estudos que tratam dessa relação. Em todo caso, o ato de peregrinar traduz um uso espacial sublime. Ao realizar uma peregrinação, o homem lança-se ao encontro do sagrado, por um espaço que na maioria das vezes possui formas que o engrandecem espiritualmente e contribuem para sua empreitada até seu ponto de chegada – um santuário, por exemplo. Pontua-se, pois, que embora tratemos a peregrinação de uma forma geral, interessa-nos mais especificamente a que diz respeito aos preceitos católicos e que é realizada a pé.

Na tentativa de exercitar e traduzir em ganhos os desafios teóricos e metodológicos desta matéria, fazendo a soma com conteúdos que não tratam diretamente da peregrinação e mesmo de outras áreas do conhecimento, direcionaremos em maior grau nossas reflexões para as produções da geógrafa portuguesa Maria da Graça Mougá Poças Santos (2006, 2008, 2010). O esforço teórico realizado a respeito dos efeitos plurais do Santuário de Fátima de Portugal bem alicerça suas proposições empíricas, como também o inverso é verdadeiro.

Esta nossa contribuição gira em torno de clarear e ratificar as reflexões sobre os entendimentos geográficos da religião (Souza, 2010), transcorrendo, assim, ao entendimento das peregrinações como práticas religiosas e geográficas. Por fim, aportamos numa análise empírica, observando as vivências e representações de peregrinos que participaram da Romaria do Senhor do Bonfim de 2011 em Natividade (TO).

Entendimentos geográficos da religião

De uma maneira sucinta, mas ao mesmo tempo totalizadora, abrimos esta seção afirmando: a Geografia se interessa pela religião quando elementos espaciais são alterados ou criados por impulsionadores de cunho religioso. Reflexão instigante e autêntica, no plano teórico e empírico, determinar quando e como a Geografia pode realizar esses estudos

é uma questão que se estende em reticências e interrogações realizadas pelo pesquisador. Como outras atividades humanas disseminadoras de (re)arranjos e formas espaciais, a religião deve constar no rol das compreensões e pesquisas do geógrafo.

Fenômeno que se aproxima estreitamente do aspecto espiritual do ser humano, a religião, expressão cultural que se reveste de ações institucionais, vem merecendo da Geografia uma atenção particular, principalmente pela tentativa do geógrafo de entender e explicar por quais razões parcelas do espaço geográfico são percebidas como sagradas. Por esses termos, a religiosidade, tanto pelas crenças como pelos rituais, não pode ficar imune a reflexões. É pela fé, ou mesmo impulsionado por momentos que a propagam, que o indivíduo vai ao encontro do nomeado espaço sagrado.

Tema social repleto de significações espaciais, durante muito tempo a religião não interessou aos estudos geográficos, o que não ocorreu com outras ciências sociais, que bem contribuíram para a compreensão do fenômeno. Na visão de Rosendahl (1996), a influência positivista na Geografia¹ e a irrelevância da temática para a Geografia Crítica² funcionaram como complicadores para que isso ocorresse. Um processo de renovação ideológica, bem como de revisão dos métodos traçados, foi caro à disciplina, e assim chegou-se ao patamar hoje alcançado no tratamento colocado, apesar de ainda não suficiente, dadas a quantidade e a diversificação de eventos religiosos que ocorrem em escala mundial.

Novas perspectivas de exames geográficos foram abertas por um olhar diferenciado da cultura humana. Alguns geógrafos pontuam a década de 1970 como o marco dessa mudança, período em que o mundo assistia a uma metamorfose sociocultural bastante expressiva. A partir de então, as representações imaginárias sobre o espaço geográfico foram colocadas mais acertadamente em relevo, significando um avanço nos estudos a respeito da religião. Registra-se, pois, que “a religião faz parte das idealizações, ou seja, das representações que os seres humanos fazem de seu mundo e de si mesmos” (Houtart, 1994, p. 25). Somente “o visível”, por ele mesmo, não dava conta de explicar as formas criadas pelo homem em nome de sua religiosidade. De algum modo, as investigações passaram a consultar a imaginação e as percepções das criaturas.

Profundamente influenciadas pelas ideologias de Mírcea Eliade, as investigações geográficas sobre a religião têm se pautado pela dualidade conceitual entre sagrado e profano, com ênfase maior sobre os moldes

sagrados dos espaços. Segundo Eliade (2008), esses são os dois modos possíveis de existência do ser humano no mundo. Contudo, a compreensão do acontecimento de processos, encontros e misturas culturais no mundo atual, cada vez mais híbrido (Berke, 2003), leva-nos ao entendimento de que sagrado e profano podem, porventura, ser analisados em conjunto num mesmo recorte espacial – “espaços sacro-profanos”. Em todo caso, a heterogeneidade cultural religiosa de lugares e pessoas reclama incessantemente da Geografia uma posição crítica na produção de considerações analíticas diante dos fenômenos religiosos. Eis um desafio ao geógrafo: desvendar as significações espaciais difundidas pela religião e o complexo processo de formação desses cenários.

No que se refere ao interesse da Geografia pelo estudo da religião, a assertiva nos parece um tanto legítima. A religião, pelo menos no seu procedimento institucional, possui uma base territorial de existência e só esse fato já justifica a análise precedida (Souza, 2010). Em nossa compreensão, é certo que a cultura religiosa oportuniza um considerável campo de análise para a Geografia, pois

os fenômenos religiosos, como factos culturais e sociais, apresentam consideráveis implicações em termos espaciais, especialmente visíveis quando se trata de grandes sistemas religiosos, em geral profundamente gravados no espaço, desde logo porque propõem aos respectivos crentes uma explicação da ordem do universo (cosmogonia), muitas vezes presente também, em termos simbólicos no modo como modelam os seus espaços, nomeadamente no que se refere às suas formas arquitetônicas. À semelhança do que, mais genericamente, se pode afirmar para a cultura, a religião é uma forma de pensar o espaço e, a partir desta relação, é possível até, em certos casos, identificar regiões culturais cuja marca distintiva fundamental é dada pelo elemento religioso. (Santos, 2006, p. 110)

Ao reconhecermos o espaço como foco central da análise geográfica, seria possível então negarmos a relação entre religião e Geografia? Só é possível enxergarmos uma íntima relação. Não pode a Geografia ignorar fatores tidos como sobre-humanos, que acarretam atitudes e comportamentos profundamente significativos para os padrões geográficos de vivência da atualidade (Santos, 2006). Soma-se a isso o fato de que o *geógrafo da religião* deve ter em mente que os espaços sagrados também são frutos do pensar de determinadas instituições detentoras do poder religioso, as quais apostam na (re)construção simbólica e mitológica do

imaginário religioso individual e coletivo dos seus fiéis (Oliveira; Souza, 2010). Nesta perspectiva, Claval (1999, p. 53) afirma:

Insistindo sobre o sentido dos lugares, sobre a importância do vivido, sobre o peso das representações religiosas, torna indispensável um estudo aprofundado das realidades culturais. É necessário conhecer a lógica profunda das idéias, das ideologias ou das religiões para ver como elas modelam a experiência que as pessoas têm do mundo e como confluem sobre sua ação.

O mundo atual, progressivamente caótico, repleto de crises das mais variadas conotações, abre, por sua vez, um grande leque para o avivamento das ações religiosas por parte do ser humano, cada vez mais móvel e multiterritorial (Haesbaert, 2008). Sem perder seus aspectos de fundação, o ato de peregrinar resiste aos tempos e vem sendo ressignificado, agregando ou mesmo perdendo valores sempre que é passado como herança.

Entendimentos geográficos das peregrinações

As crenças, as práticas e os discursos do homem, reunidos num tecido social transformável ao longo dos tempos, traduzem uma vida de representação cultural e territorial que busca no além o sentido da existência. Esses saberes estão ligados ao modo de agir, aos processos e às estratégias desenvolvidas individualmente, mas também são políticas imaginadas por grupos (Claval, 2010). Certo é que a *geograficidade* dessas movimentações contribui decisivamente para proporcionar animação à vida e à Terra dos Homens.

Nas consignações de tais animações, o homem busca na religiosidade formas de expressar sua confiança e seus valores, por meio de atitudes e comportamentos simbólicos e materiais. Por sua vez, a peregrinação pode ser apontada como um dos fenômenos que melhor representam os anseios apelativos e de animação do homem religioso. A sua realização denota manifestações de fé e devoção popular baseada em rituais³ explícitos.

A compreensão da religiosidade como uma representação definida social e culturalmente faz com que enquadremos a peregrinação como um modo de agir no mundo que pode ser instigado pelas políticas eclesiais. Configurando-se como uma espécie de projeto de exaltação religiosa, a

peregrinação é um objeto que, por meio dos seus movimentos, revela os pensamentos de quem a pratica. Não é demais lembrar que ela própria tem suas regras morais e especificidades.

Carballo (2010, p. 122), ao analisar as práticas peregrinas na Argentina, vem engrandecer nossas reflexões, atentando para o fato de que “los elementos que configuran el *espacio sagrado* como lugar de peregrinación se organizan según una lógica y valoración que responde a una articulación flexible entre *lo sagrado institucional* y *lo sagrado como experiencia vivida*” [grifos da autora]. Destaca ainda a autora argentina que, como soma dessa articulação sociocultural, a peregrinação é um espaço-tempo ontológico, ou seja, um conjunto de elementos que reduz as forças da cotidianidade.

Sugerindo mobilidade e uso espacial, a peregrinação pode ser estudada a partir dos impulsos físicos e espirituais do homem na busca de realizações simbólicas e materiais. Salienta-se que o próprio ato de peregrinar é simbólico e material. É místico e concreto. É também cultural e geográfico.

Quanto ao ato em tela, sabe-se que:

A realização de peregrinações constitui um patrimônio cultural comum a muitos povos, caracterizando-se como uma forma típica de sua expressão religiosa em termos individuais e sociais. A peregrinação é uma das mais antigas formas de migração humana, estimulada por motivos não estritamente econômicos, provavelmente existentes desde as religiões pré-históricas, e que se tornou uma realidade de relevância e impacto ainda mais notáveis com o surgimento dos grandes sistemas de crença. (Santos, 2010, p. 147)

Sem perder o tradicionalismo que a acompanha, a peregrinação conhece na contemporaneidade um processo de renovado impulso, em parte semelhante às práticas turísticas, embora distintas em caráter de motivações, finalidades e usos espaciais. Grosso modo, salvaguardando os processos de hibridação, o turista religioso estaria mais propenso às práticas profanas do que o “peregrino puro”, este mais afeito à espiritualidade⁴. A Figura 1 proporciona uma visão das características gerais do peregrino.

Em um contexto de práticas dinâmicas e complexas, bem como na representação de momentos de sociabilidade, a peregrinação tem fortes e marcantes incidências espaciais. Envolve um local de saída, um itinerá-

rio (quase sempre composto de elementos religiosos e formas simbólicas afins) e um destino (geralmente um “santuário de peregrinação”). Trata-se de um conjunto espacial que traduz sacralidade aos olhos do homem penitente.

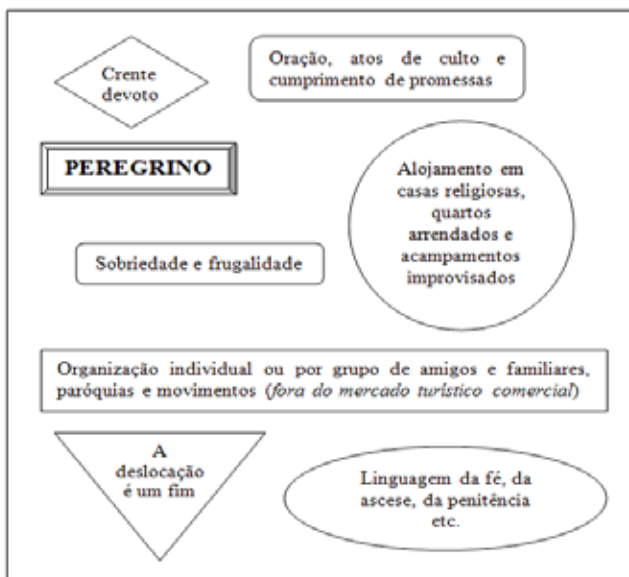


FIGURA 1 - Padrões típicos dos peregrinos

Fonte: Recortado e adaptado parcialmente de Santos (2006)

Em suma:

As peregrinações são fluxos de pessoas que, por motivações exclusivas ou predominantemente religiosas, se deslocam, de um lugar marcado pelas práticas e relações de cotidiano (domicílio, trabalho, família, vizinhança) para um outro (santuário, centros religiosos, locais de festividades religiosas etc.), na procura de “fontes” de caráter espiritual ou local adequado para a prática de atos de devoção religiosa, assumindo variadas formas de culto divino, mariano ou dos santos. (Santos, 2010, p. 177)

A leitura das mobilidades específicas da peregrinação expressa significações de um espaço de crenças e cumprimento de rituais, territórios não homogêneos, e sim diversos, mediante suas particularidades de

tempo, cultura e lugar. Presente em vários pontos do território brasileiro, a peregrinação mostra-se como um fenômeno que necessita de investimentos no desenho de teorias e metodologias científicas capazes de melhorar seu entendimento. Deste modo, os estudos empíricos carregam consigo valiosa contribuição.

Na pretensão de aprofundar as reflexões destacadas, na sequência, ainda que em caráter inicial e circunscrito, iremos nos deter em analisar as representações imaginárias, religiosas e geográficas de peregrinos participantes da Romaria do Senhor do Bonfim. Assim, outras margens de análise poderão se abrir, sugerindo reflexões mais complexas. Cabe, então, espaço para uma metáfora e uma analogia quanto ao ato de peregrinar e fazer ciência: é caminhando que se chega ao ponto imaginado – ao santuário, às descobertas. Esse ponto não é alcançado sem esforço, fato que ganha maior relevância quando se consideram as surpresas que a caminhada reserva.

Sobre a Romaria do Senhor do Bonfim

A Romaria Senhor do Bonfim ocorre na comunidade de Bonfim, no município tocantinense de Natividade, situado na porção sudoeste do estado, acerca de 220 km da capital, Palmas (Figura 2). Gerado por atividades mineradoras, Natividade revela-se como um dos municípios mais antigos do estado e recebe o rótulo de “berço da cultura tocantinense”. Seus aspectos histórico-sociais mais expressivos estão presentes na arquitetura colonial, nos festejos religiosos, na gastronomia, no artesanato e em outras manifestações culturais (Messias, 2010). Seu nome faz homenagem a Nossa Senhora da Natividade, padroeira local.

Situada a 23 km da sede municipal, a comunidade de Bonfim, com cerca de doze famílias, por conta dos preparativos, da realização e dos impactos da Romaria, sofre em seu meio de vivência (re)arranjos espaciais significativos, passando de um estágio predominantemente rural para um momentaneamente “urbanizado” (Figura 3). Realizada no mês de agosto, a Romaria é apontada como uma das festas religiosas mais expressivas do estado do Tocantins. É um evento que atrai pessoas de vários outros estados e desenvolve um papel regional relevante.

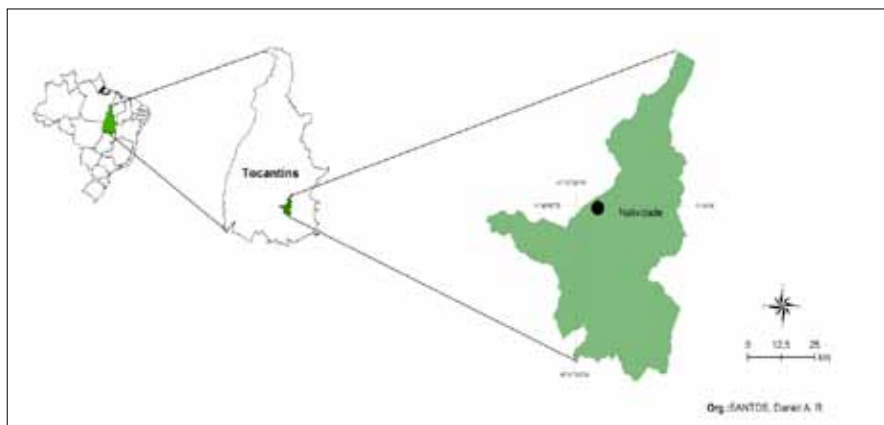


FIGURA 2 - Mapa de localização do município de Natividade
Fonte: Adaptado de SEPLAN-TO (2008).



FIGURA 3 - A comunidade, em dia de Romaria
Fonte: Arquivo pessoal do autor



FIGURA 4 - Vista parcial da Romaria Senhor do Bonfim

Fonte: <http://encantosdocerrado.com.br>. Acesso em: 18 ago. 2011

A procura acentuada pela comunidade de Bonfim por motivos religiosos – movimento que, segundo a Igreja local, data do século XVIII –, começa a se desenvolver mediante a uma crença mitológica que ainda hoje é forte. Um vaqueiro teria encontrado, em um ambiente pantanoso, a imagem do Senhor do Bonfim sobre um tronco de madeira e quando a retirava do local e a levava para a igreja de Natividade, ela reaparecia na mesma paragem onde havia sido encontrada. Segundo a crença popular, esse movimento de ida e volta da imagem, impulsionado pela vontade do “Senhor do Bom Fim”, teria ocorrido repetidas vezes.

O espaço sagrado maior da Romaria em questão está representado no símbolo do Santuário do Senhor do Bonfim (Figura 4), alvo dos romeiros, referência das celebrações religiosas e elemento organizador da comunidade. Percebe-se que as casas da comunidade circundam o Santuário e que muitas delas ficam fechadas por quase todo o ano, só sendo reabertas no período da Romaria, quando o número de visitantes é expressivo. No entanto, nos dias de festa, a maioria das pessoas se instala em acampamentos improvisados e, diga-se de passagem, em condições precárias. Um ponto também muito visitado por aqueles que fazem lazer durante as festas da Romaria é o rio Manoel Alves, localizado a 2 km da comunidade.

O espaço da Romaria do Senhor do Bonfim, em todas as suas interfaces, ainda abarca o desenvolvimento de práticas profanas. Eventos paralelos em bares e boates, e mesmo o comércio variado, entre outros, têm frequência assegurada pelo impulso gerado pela festa religiosa. As festas nesses espaços configuram excelentes oportunidades econômicas e políticas, sendo parte dessas “regulamentadas” pela Igreja. O fluxo intenso de pessoas, que ali estão por variadas motivações e intencionalidades, não raro atrai figuras do cenário político local e estadual, que também participam das festividades.

A Romaria também chama atenção pela quantidade e qualificação de peregrinos que se deslocam a pé até Bonfim⁵, oriundos dos mais variados destinos, e que fazem dessa prática (religiosa e geográfica) uma ação bastante conhecida e exercida pelos moradores dos municípios da região. Não raro identificamos histórias de vida que relatam que a peregrinação foi algo repassado entre gerações e usada, neste tempo todo, como medida de agradecimento ou como um sacrifício anunciado para um posterior ganho.

Por todas as suas implicações fenomenais, percebemos a Romaria do Senhor do Bonfim como uma forma simbólica capaz de ser configurada em um objeto de estudo majestoso em termos de avanços no entendimento geográfico das peregrinações. O ensaio que se segue não passa de uma tentativa das possibilidades latentes.

Representações de peregrinos da romaria em tela: (re)construindo reflexões a partir de inquéritos

Procurando apurar vivências e representações de peregrinos da Romaria do Senhor do Bonfim, mesmo que de forma restrita, recorremos ao uso do inquérito, direcionando-o a uma amostragem não-probabilística de trinta (30) praticantes dessa mobilidade espacial. A aplicação ocorreu nos dias 13 e 14 de agosto de 2011 (sábado e domingo), no percurso entre a sede municipal de Natividade e a comunidade de Bonfim, sempre no fim da tarde, momento que se acentua o número de peregrinos em caminhada. Destaca-se que à noite⁶ encontra-se um número significativo de peregrinos em marcha, ocasião mais adequada para caminhar, dado o sol intenso do dia.

Em seguida, tabulamos as questões fechadas, apontando as frequências absolutas e relativas, assim como agrupamos as categorias mais indicadas nas questões abertas para uma análise qualitativa das informações.

Portanto, na tentativa inicial de obter um perfil sociodemográfico dos inquiridos, dados indispensáveis para os cruzamentos de respostas, agrupamos seis questões: sexo, idade, estado civil, residência habitual, ocupação e escolaridade. Deste feito, constatamos que predominavam homens (67%), na faixa etária média de 34 a 49 anos (50%) e casados (57%). Quanto à residência habitual dos inquiridos, apuramos que 83% residiam no próprio estado do Tocantins e o restante era proveniente de Goiás e Distrito Federal. No que toca à profissão dos inquiridos, a maioria (70%) está inserida no setor terciário da economia. Já quanto às suas habilitações estudantis, verificamos que 36% possuíam o 2º grau completo; 27%, o 1º grau completo; 27%, o ensino superior completo; 7%, o 2º grau incompleto e 3%, o superior incompleto.

Com relação às questões mais diretamente associadas aos preceitos religiosos dos inquiridos, inferimos, logo de início, que todos eram católicos. Cerca de 90% disseram ser “católicos praticantes” e devotos do Nosso Senhor do Bonfim (Figura 5), destacando a fé como motor de impulsão para que a peregrinação se realize. Apuramos que 50% já teriam realizado a peregrinação a pé de duas a cinco vezes; 27% estavam na sua primeira vez; 20%, de seis a dez vezes; e um peregrino disse que já fazia a peregrinação há mais de 30 anos, prática religiosa e geográfica que havia herdado de sua família (Figura 6). Indagados sobre o que estavam achando do ato de peregrinar, só um inquirido disse que estava com dificuldades físicas. As outras pessoas disseram que estavam exercendo uma experiência maravilhosa, um ritual de grandeza espiritual, algo típico do homem religioso.

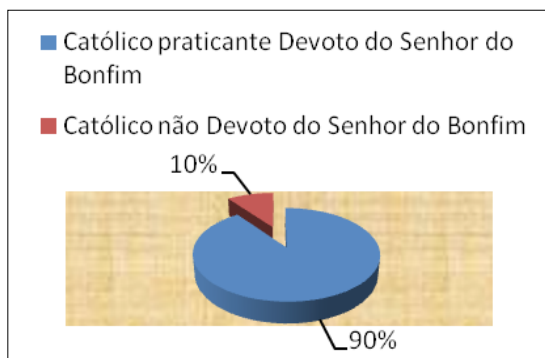


FIGURA 5 - Identificação religiosa dos peregrinos

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.



FIGURA 6 - Número de peregrinações realizadas pelos romeiros

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.

No que diz respeito à principal motivação dos peregrinos para realizar tal marcha, verifica-se que 53% estavam pagando promessa; 17% a faziam por lazer e 3% estavam ali para festejar a Romaria por completo, ou seja, também a parte profana. Vinte e sete por cento deles alegaram outras causas, ligadas à devoção, à fé, ao agradecimento e ao pedido de proteção ao Senhor do Bonfim (Figura 7). Daqueles que estavam pagando promessa, 69% tinham intenção direcionada à saúde. Tudo isso faz da peregrinação uma forma material, mas também simbólica; cultural, mas também mística. Ao mesmo tempo que reconhecemos que a peregrinação traduz uma espécie de avivamento das ações religiosas no mundo atual, ela também ganha outras significações, como, neste caso, a inclusão de atividades profanas.

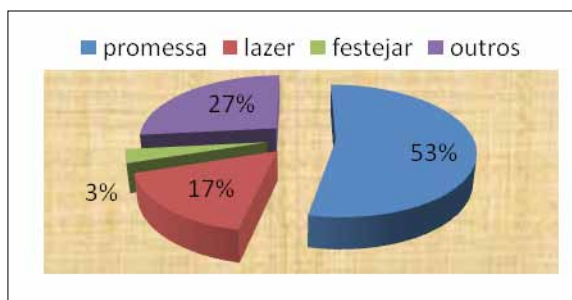


FIGURA 7 - Principal motivação para a realização da peregrinação

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.

Nas respostas ao questionamento sobre quem os acompanhava na peregrinação, a instituição família aparece em 53% das indicações, seguidas pelos grupos de amigos e vizinhos (25%) e por aqueles que estavam sozinhos (22%). No que toca à organização da peregrinação, novamente a família surge com o maior percentual. Denota-se aqui que, na cultura desses grupos, a prática peregrina é transmitida de geração a geração.

Quando pedimos para apontarem, de uma forma geral, os pontos positivos do trajeto traçado, a maioria apontou a sociabilidade e a exaltação religiosa conseguidas em nome da peregrinação e no contato com a natureza. Entre os aspectos negativos, foram apontados a segurança no trânsito da BR-010 e o pouco apoio dispensado aos religiosos por parte da Igreja e da prefeitura. Os romeiros pediram também melhoria da “estradinha” construída para o fluxo dos peregrinos e da conservação das estações religiosas, que estariam impossíveis de ser utilizadas como paragem (Figura 8). Percebemos certa insatisfação dos peregrinos com o poder público local e com a Igreja. Embora o trajeto apresentasse formas espa-



FIGURA 8 - Representação do trajeto entre Natividade e Bonfim

Fonte: Elaborada pelo artista Luis Otávio de Castro Cortes.

ciais e religiosas comuns a um destino de peregrinações, seus usos e tratamentos pareciam desfavorecer as tentativas de peregrinar, porém, não desqualificando as peregrinações.

Na observação da quilometragem percorrida a pé pelos inquiridos, obtivemos o extremo entre 23 km (da sede de Natividade a Bonfim), trilhado por 40% dos inquiridos, e 221 km (de Gurupi-TO a Bonfim), trajeto de um peregrino. Diante desta pequena amostra da capacidade que a peregrinação possui de causar mobilidades espaciais – locais de saída, itinerário e destino –, levando as pessoas a largarem seus tempos e espaços cotidianos, fazemos o seguinte questionamento: como pode a Geografia desconsiderar este fenômeno territorial?

Seguindo com as observações e análise dos questionários, 93% dos inquiridos pretendiam participar das celebrações religiosas da Romaria (Figura 9) e, dentre eles, 80% disseram que participariam exclusivamente delas; 20% deixaram a entender que participariam também de atividades não religiosas (Figura 10), como a ida a festas noturnas e ao rio durante o dia, com a finalidade de um lazer mais estreitamente profano. Notadamente, tratava-se de pessoas que estavam entre a faixa etária de 18 a 33 anos de idade. Contudo, mais uma vez esse fator mostra que outras condutas estão ganhando espaço no cenário das festas religiosas. Pode acontecer de o devoto, depois de ter cumprido seus rituais religiosos, sentir-se no direito de aproveitar outras tipologias de espaço durante a festividade da qual está participando. No caso do Bonfim, a Igreja impulsiona esse modo de agir, garantindo, assim, um maior e mais pomposo público, do ponto de vista financeiro.

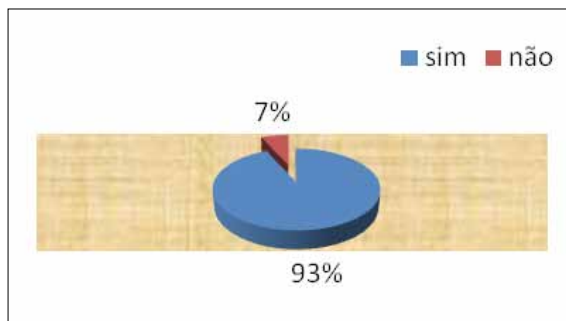


FIGURA 9 - Intenção de participar de celebrações

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.



FIGURA 10 - Intenção de participar de atividades não religiosas

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.

Procuramos ainda atestar o grau de valência sagrada da romaria, e não nos surpreendeu 97% responderem que a consideravam uma festa sagrada. Entre as razões apontadas e que atestariam a sacralidade da romaria, na ótica dos peregrinos inquiridos, a questão da fé foi apontada por 53% deles. O restante girou em torno da devoção ao Senhor do Bonfim e aos agradecimentos pelas graças alcançadas. A única resposta que dizia que a romaria era em parte sagrada justificava-se pela aproximação com as atividades de ordem profana, que parecem crescer a cada ano (Figura 11). O reflexo da aceitação da sacralidade posta pode ser sentido quando se constata que todos os inquiridos se pronunciaram satisfeitos em participar da romaria como peregrinos em ato de fé e esperança por dias melhores, afirmando, ainda, que pretendiam desenvolver a mesma peregrinação em outras oportunidades.



FIGURA 11 - Valência de sacralidade direcionada à Romaria

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.

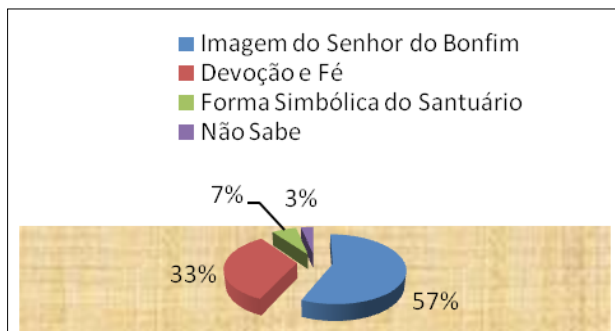


FIGURA 12 - Principal símbolo da Romaria

Fonte: Pesquisa de campo, ago. 2011.

Identificamos ainda que o elemento simbólico que melhor retrata a imagem da romaria está na imagem do Senhor do Bonfim, com 57% das apurações. A devoção e a fé aparecem com 33% neste quadro e a forma do Santuário com 7% (Figura 12). Lembramos que cada homem, a seu modo, busca animar seu mundo indo ao encontro dele com formas e significações que lhes tragam sentido de vida. O “além” funciona, assim, como um depósito dessas animações, e o homem sabe muito bem disso, tanto que faz um uso plural e criativo.

Entre as observações e sugestões gerais destacadas, ficou registrada a alegria que os religiosos sentiam pelo fato de a tradição de peregrinar ao Bonfim estar sendo mantida e as queixas sobre o apoio não dispensado pela Igreja e pelo poder público aos peregrinos. Alguns até sugeriram que Igreja e o poder público (municipal e estadual) deveriam juntar-se para garantir segurança integral aos religiosos. Um ponto ainda ressaltado nesta parte final do inquérito, ratificando o que havia sido dito, denotava a satisfação pessoal na realização da peregrinação, bem como a certeza que teriam quanto a transmissão da prática para outras gerações da família.

Com efeito, embora num corpo quantitativo limitado, acreditamos que as representações dos peregrinos abordados em inquérito podem ser levadas em consideração, principalmente pelos seus sinais qualitativos, como uma contribuição ao estudo empírico das peregrinações. E quanto ao questionamento feito anteriormente, respondemos: não pode a Geografia desconsiderar as interfaces socioespaciais das peregrinações. Deverá, sim, (re)construir reflexões no intuito de compreender os impulsos físicos e religiosos que levam o homem a peregrinar, inclusive, buscando

entender como as instituições religiosas contribuem para a construção simbólica do imaginário religioso de seus crentes, incentivando tais empreitadas.

Considerações finais

A religião, no ritmo do complexo jogo de instituições que desempenham tal função social, produz em escalas crescentes novos arranjos e movimentações espaciais. O fenômeno religioso é plural e aceita variadas denominações, formas de organização e públicos. Tudo isso faz com que aceitemos, na prática, a ideia da existência de várias geografias das religiões. Teoricamente, a denominada geografia da religião tem muito a desenvolver na proposta de compreensão do universo cultural e socioespacial dos rumos do funcionamento religioso e seus desdobramentos. Gerando ganhos e perdas, solidariedades e desigualdades, o fenômeno religião deve ser abordado pela Geografia de modo que apresente os lugares para as pessoas na melhor aproximação de suas realidades.

Compreendidas como práticas tradicionais de uma diversidade de povos, as peregrinações, fenômenos de ordem notoriamente geográfica, conhecem nos dias atuais processos de ressignificação em seus conteúdos e formas de execução. Embora a questão do sacrifício continue sendo um ato presente, o acompanhamento e a assistência parecem encontrar uma maior validação nos espaços de peregrinação, assegurando, de certo modo, o bem-estar do andarilho, culminando melhor com a experiência e mensagem transmitida pelos rituais religiosos modernos. Ainda no campo das novas significações, as festas que recebem peregrinações, sobretudo no Brasil, parecem ganhar uma aproximação maior com práticas profanas. Esse é um dado que não pode ficar esquecido nos estudos geográficos.

Diante da pesquisa sobre a Romaria do Senhor do Bonfim, na cidade tocantinense de Natividade, como exame empírico particular, confirmando o que ocorre em outros espaços de peregrinação, evidencia-se que tal prática religiosa e geográfica tem como maior propulsor as crenças direcionadas às hierofanias das localidades referentes – manifestações não só físicas, mas também espirituais. A promessa e a fé aparecem como elementos imprescindíveis ao entendimento dos arranjos socioespaciais das peregrinações. Por outro lado, as práticas profanas parecem retroalimentar-se com as práticas religiosas, em termos de afluência de público.

Por fim, ratificamos que carece ainda a Geografia de investimentos mais caros à compreensão da peregrinação como mobilidade espacial significativa.

Notas

1. Segundo Claval (1999, p. 45), “o partido positivista adotado dissuadia os geógrafos das representações”. Estudos fenomenológicos, implicantes em conteúdos simbólicos e culturais, não faziam parte das análises geográficas. Ao conceder maior ênfase aos aspectos físico-econômicos, o positivismo gerou mesmo um distanciamento entre religião e ciência, relegando a fé como manifestação marginal.
2. Embasada pelo marxismo, a Geografia Crítica acentuou suas análises preocupada em explicar as contradições do modelo de produção capitalista, tratando a cultura como um folclore indigente (Claval, 1999).
3. A quem interessar se aprofundar sobre o conteúdo emocional e de interações espaciais dos rituais religiosos, ver: Maia (2010).
4. Importante conhecer outras classificações para turistas religiosos e peregrinos em suas relações de hibridação. Para isso, ver: Santos (2006), mais especificamente o Capítulo IV.
5. *O Jornal do Tocantins* publicou no dia 16 de agosto de 2011 uma série de matérias que atestam a importância fenomenológica da devoção para os peregrinos abordados. Nessa edição, imagens das missas e considerações sobre a parte comercial da festa foram veiculadas. Ver: www.jornaldotocantins.com.br
6. Pretendendo vivenciar o ato de peregrinar a pé, assim como realizar observações diversas, o autor deste artigo, cumpriu, na madrugada do dia 12 de agosto, o percurso entre a sede de Natividade e a comunidade de Bonfim – mesmo trajeto em que se aplicaram os questionários (23 km).

Referências

- BERKE, P. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.
- CARBALLO, C. T. Hierópolis como espacios em construcción: las prácticas peregrinas en Argentina. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.
- CLAVAL, P. *Terra dos homens: a geografia*. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HAESBAERT, R. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural integradora. In: SERPA, A. (Org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOUTART, F. *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática, 1994.

MAIA, C. E. S. Ritual e emoção nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: ROSENDAHL, Z. (Org.). *Trilhas do Sagrado*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

MESSIAS, N. C. *Religiosidade e devoção: as Festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade (TO)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

OLIVEIRA, C. D. M. de; SOUZA, J. A. X. de. A “geograficidade” das formas simbólicas: o Santuário de Fátima da Serra Grande em análise. *Confins*, n. 9, 2010. Disponível em: <<http://confins.revues.org/index6509.html>>. Acesso em: 27 fev. 2012

ROSENDAHL, Z. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

SANTOS, M. da G. M. P. *Espiritualidade, turismo e território: estudo geográfico de Fátima*. Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, M. da G. M. P. *Estudo sobre o perfil do visitante de Fátima: contributo para uma acção promocional em comum da rede COESIMA*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

SANTOS, M. da G. M. P. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EduERJ, 2010.

SEPLAN-TO. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. Diretoria de zoneamento ecológico-econômico. *Atlas do Tocantins: subsídios ao planejamento territorial*. 5 ed. Palmas, 2008.

SOUZA, J. A. X. de. Religião: um tema cultural de interesse geográfico. *Revista da Casa de Geografia de Sobral*, v. 12, n. 1, p. 69-80, Sobral (CE), 2010.

José Arilson Xavier de Souza - Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - Professor substituto da Universidade Estadual Vale do Acaraú, CE.

Recebido para publicação em março de 2012

Aceito para publicação em setembro de 2012